

A large, stylized sun graphic in light blue, with a central circle and several curved rays extending outwards. The title and author's name are positioned within the central circle.

ÉTICA E LINGUAGEM

Frei Carlos Josaphat

Correlação harmoniosa da ética e da linguagem, urgência e viabilidade na época da comunicação tecnológica.

A ética e a linguagem resplandecem como a dupla face da humanidade, em sua originalidade primordial de projeto de liberdade e solidariedade, se afirmando pela ação e pela comunicação. São dois elementos constitutivos, duas propriedades essenciais, cuja realização harmoniosa garante a qualidade propriamente humana da vida pessoal e social. Sem a linguagem, dotada de transparência na busca da verdade, da justiça e da paz, sem a normatividade ética na comunicação, a pessoa se vê estorvada em sua dignidade, e a sociedade tende a existir como massa anônima, aglomerada e mantida pelos laços do egoísmo ampliado, da ambição desmedida, contida apenas pela força coibitiva da dominação e da repressão. Na base, portanto, da correlação criativa e ordenadora da ética e da linguagem, está o ser humano, todo ele chamado a se afirmar e aprimorar enquanto sujeito pessoal responsável e comunhão de sujeitos pessoais corresponsáveis.

Nossa reflexão se desdobrará em um duplo plano. O primeiro, de caráter mais teórico, considera a conexão necessária da ética e da linguagem, sua mútua inclusão, quando se trata de uma sociedade humana, capaz de garantir o bem comum e promover a plena realização de todos os seus membros. O segundo aspecto de feitiço mais prático visa a viabilidade dessa conexão, bem como a urgência dessa conexão. Para isso, se empenha em analisar as instituições, as condições e qualidades exigidas para que a imprescindível conexão da ética e da linguagem se torne possível em determinado contexto histórico, social, cultural e espiritual, especialmente hoje com o predomínio crescente da comunicação virtual.

Necessário paradigma integral.

Esses dois dados, os sistemas de linguagem, na força de sua complexidade e coerência, e o conjunto dos valores, dos modelos, das normas da ética pessoal e social devem ser compreendidos e definidos com exatidão, levando em conta sua universalidade e as suas realizações concretas, sua inserção nos quadros e no dinamismo da sociedade. Assim se evidencia que a viabilidade da

normatividade ética está sempre em confronto, e mesmo em conflito com as mentalidades, com as ideologias e com as diversas modalidades e etapas da cultura.

Essa visão harmoniosa, precisa e atualizada das realidades humanas, mais ligadas à marcha da civilização, tais como a ética e a linguagem, vem a ser uma exigência constante no decorrer da história, enquanto esta avança qual tecido de razão e de liberdade. Tal exigência de lucidez crítica se torna mais urgente com o advento da globalização. Em si, esta não é apenas negativa. Ela se mostra ambivalente. Apoia, o mundo em processo de universalização dos encontros, dos intercâmbios e das instituições conta igualmente com recursos atuais mais apropriados para a compreensão, a elaboração e a utilização da linguagem e da ética à luz dos valores e exigências da humanidade. Os avanços da ciência e da técnica não levantam apenas dificuldades e desafios. Eles podem favorecer uma visão mais abrangente e profunda do mundo de hoje, dos caminhos e descaminhos de seu avanço no plano ético, cultural e espiritual.

Uma ética integral, essencialmente humana e suscetível de uma

inspiração e animação evangélica, vê na linguagem seu campo privilegiado. Nela a ética se realiza em uma normatividade universal, pois começa por impregnar e retificar a comunicação, considerada em si mesma, para dela fazer o instrumento primordial, o meio mais adequado para iluminar e guiar os outros diferentes setores da vida pessoal e social.

Itinerário da ética e da linguagem na história e na atualidade.

A ética e a linguagem manifestam as duas propriedades conjugadas de permanência e de progresso da humanidade, pondo em jogo o que ela tem e o que ela é de melhor como projeto global e histórico de auto-realização. Essa permanência e esse progresso qualitativo da humanidade, sua evolução cultural, bem se pode designar como sendo sua historicidade. De modo geral, a história designa a série bem ordenada e concatenada dos acontecimentos tidos por importantes para uma coletividade. A historicidade é assumida para significar o caráter interior da história humana. Ela visa o próprio ser humano se desdobrando no tempo. Através de

fases ou etapas sucessivas, mas encadeadas, se mantêm ou aumentam, se intensificam ou diminuem as capacidades da natureza humana recebida de nascença, como um feixe de virtualidades progressivas e conexas. O ser humano se vê chamado a viver e a conviver como uma criatura singular, criada criativa pelo Amor Criador. Dentro dessa historicidade criativa da natureza humana é que se situa e compreende a dupla propriedade da permanência e da mudança nas realizações das virtualidades recebidas de herança biológica e cultural. O que se traduz na sucessão de êxitos e fracassos, de avanços, de atrasos, de perdas e recuperações que formam o processo de personalização e socialização de cada ser humano.

A ética será autêntica, integral, operacional na medida em que leva à compreensão do ser humano na permanência de sua natureza e na marcha da cultura que efetua de forma ajustada e harmoniosa os dados virtuais da natureza. A biotecnologia atual, em seu progresso vertiginoso, se mostra qual capacidade de modificar e mesmo de manipular todos

os elementos e funcionamentos do ser, da vida, da atividade e da linguagem da humanidade. Esta é tocada e modelada por dentro, em todas as etapas que balizam sua historicidade. Tal é a novidade absolutamente inédita, o desafio singular colocado à ética pela modernidade e mais ainda pela pós-modernidade. Esse desafio é levado ao extremo limite pela tecnologia da comunicação que transformou e vai transformando mais e mais a linguagem.

Assim as técnicas, bem concatenadas em suas ondas ou suas redes, formam a grande família digital que ensina a falar a língua virtual, que circula da maneira maia típica, na sociedade pós-moderna. Surge então a escola mundial, educadora ou deseducadora da humanidade, modificando-a na profundidade do seu ser e do seu pensar, sentir e agir. Por essa linguagem total, ao mesmo tempo racional, afetiva, imaginária, a humanidade se vê atinvida em sua vocação à verdade, à compreensão e à solidariedade das pessoas, das famílias e dos povos. Essa vocação é profunda e grandemente favorecida ou desvirtuada. Pois, a linguagem tecnológica é aprimorada, antes de

tudo, para promover não valores humanos, a dignidade da pessoa e o primado do bem comum, mas os interesses financeiros das grandes empresas econômicas. Entendendo que assim dinamiza o sistema econômico, a mídia se põe a divertir a opinião pública recorrendo a um erotismo sem rumo e sem norma, tendo como opção e motivação fundamental a idolatria do corpo, do sexo, resvalando mais e mais em um humanismo da banalidade. A futilidade alienante se generaliza, tornando-se o ponto central e crucial do desafio ético que emerge da linguagem comercializada e erotizada no mundo tido e enaltecido como pós-moderno.

Valores éticos e aprimoramento da linguagem em sua dupla forma: espontânea ou técnica e virtual.

O mundo virtual tende a se desenvolver e ampliar indefinidamente, criando possibilidades, lançando convites senão impondo imperativos de intercâmbios e de interações crescentes, com uma predominância do artificial, do contato por vias da técnica, estebelecendo laços, não de afetividade, mas de interesses de curio-

sidade ou de negócios. Cria novos desejos e ambições, relegando ao segundo planos os problemas da vida comum, as relações de conhecimento e solidariedades pessoais. A civilização urbana da linguagem digital leva ao anonimato generalizado, à predominância da “multidão” ou das multidões “solitárias”. Em certa medida, o mundo virtual vem coroar e ativar esse dinamismo da multiplicidade de relações, da extensão e complexidade de comunicações desprovidas de solidariedade humana.

Esse processo vem marcado, ativado ou retardado por um duplo tipo de moral. De um lado, se constata o mais visível: a ausência de valores humanos, que se traduzissem em laços de linguagem direta, pessoal, familiar. A comunicação social, tecnológica é animada e regida pelos interesses financeiros ou profissionais, bem como pela curiosidade e pelo erotismo. De outro lado, explode um movimento de repressão dos desmandos, crimes e corrupções, em um clima social generalizado de denúncias e agressividades. Aí se desdobra um espaço para uma moral dos interesses, da concorrência a serviço do lucro, do poder de mercado. É o utilitarismo individual, corporativo e social.

Reclamam-se como direitos os interesses tidos como legítimos, por quem tem poder e capacidade de reivindicar. Essa moral utilitária encontra um grande reforço no universo virtual. Ou seja, a linguagem que assume um caráter global, a qual será grandemente a comunicação ativa e onipresente na sociedade, ela mesma movida por ambições alheias à ética, as quais animam e dinamizam os sistemas utilitários. Essa moral segmentária e interesseira se alia a mentalidade de um neocapitalismo que tem muito de um neocolonialismo globalizado.

Na origem e na base desse processo de marcha da linguagem alheia à normatividade ética, o elemento fundador e determinante vem a ser a irrupção e o progresso cumulativo dos instrumentos ou meios de comunicação social. É a nova forma, absolutamente inédita até então, da linguagem instrumental. Tal foi a primeira realidade e a primeira compreensão da linguagem, técnica que vinha entrar em concorrência com a linguagem espontânea e natural. Foi vista e analisada apenas em sua dimensão instrumental, técnica em detrimento ou com a restrição da linguagem espontânea. Essa marca “instrumental” já surge

no primeiro documento pontifício sobre a imprensa na data longínqua de 1487¹. Vem sendo em seguida difundida pela doutrina oficial da Igreja católica. O próprio Concílio Vaticano II inaugurou seu ensino ético por um Decreto “sobre os meios de comunicação social”, do qual comemoramos o quinquagésimo aniversário. Era o ponto de chegada e o novo ponto de partida de um ensinamento da Igreja remontando aos inícios da imprensa, mal saída das oficinas de Gutenberg, prolongando-se no decorrer desses últimos seis séculos e que merece ser continuado, aprofundado e completado².

Falamos de completar e mesmo de superar, porque considerar a mídia, especialmente a Internet como um simples “instrumento” é uma opção ainda parcial, incompleta e mesmo superficial. Jamais se insistirá bastante. É preciso começar por considerar a comunicação social como um sistema, específico e muito original em seus objetivos e seus dinamismos próprios. Mas, sobretudo entrelaçado aos outros sistemas econômicos, políticos, jurídicos, culturais, em formas complexas e movediças de uma interdependência profunda e constante. O caráter instrumental se aslia ao dinamismo sistêmico, a

uma organização muito operacional, o que dá à linguagem típica da modernidade uma força e uma influencia total na vida das pessoas e da sociedade.

Mais ainda, com o progresso cada vez mais extenso e intenso das novas técnicas e dos sistemas sofisticados em sua tecnologia e grandemente articulados e interdependentes, havemos de estar atentos e de sermos críticos e criativos reconhecendo neste mundo virtual um novo modelo histórico de ser, de pensar, de sentir e de comunicar. Nele se reconhece um novo humanismo. Talvez seja mais claro e mais justo falar de uma nova humanidade, que está a surgir sem muita consciência da profundidade da mutação evolutiva, senão revolucionária, que se vai acelerando graças ao efeito conjugado e cumulativo de uma cascata sempre mais volumosa de tantas inovações e invenções. Elas se mostram capazes de modificar as formas de viver, de conviver, de comunicar e de organizar a sociedade, a começar pela família, pela empresa, pela escola e pela religião.

A primeira orientação ética de que dependem todas as demais vem a ser o empenho de estudar

e de buscar compreender essa humanidade em marcha, sobretudo em vista de discernir os novos modelos justos e ajustados de uma linguagem, de uma comunicação que seja ativa, interativa, participativa, em que se afirmem de maneira articulada as responsabilidades de todos os cidadãos.

Com toda evidência, resplan-dece a necessidade de inventar novos modelos de família, de educação, de empresa, de Igreja, fundados na existência e na partilha destes valores da palavra, da convicção, da comunicação; da ação social. Com essa renovação de base, a ética, tendo sem dúvida na família e na escola seus espaços privilegiados, poderá ser a alma da sociedade e da mídia para que cheguem a se aproximar do ideal de uma civilização humana, animada e tecida pela responsabilidade e pela solidariedade.

Supremo desafio: valores e modelos éticos à altura da linguagem informática pós-moderna.

A exigente originalidade desses valores éticos se prende imediatamente ao aperfeiçoamento que a Internet e a comunicação celular vêm trazer à comunicação, à linguagem que circula na camada

mais avançada da civilização e tende a penetrar, a influenciar e modelar todas as camadas e todos os recantos da humanidade. Mais do que as formas da comunicação que a antecederam, a Internet realiza a plena vitória sobre a distância e o tempo. É instantânea, fazendo a conexão imediata entre os parceiros virtuais, dando-lhes a capacidade maravilhosa da interação, do diálogo e de uma influência recíproca, no que toca à linguagem e eventualmente aos demais domínios do viver e do agir.

Ela possibilita a qualquer pessoa, mesmo de poder aquisitivo reduzido, sair da recepção passiva de mensagens, captadas, elaboradas e transmitidas por quem tem grande poder econômico, técnico e cultural, como é o caso da televisão. Permite assim chegar a intervir, a interagir, a criticar as comunicações propostas, a enviar mensagens novas, a criar parceria, constituindo e alargando um público, que tem algo de vizinho, de um “próximo”, tornando-se um parceiro e superando a massificação e o anonimato. Pois é bem um processo de livre cooptação que se passa entre os internautas já conhecidos e que se vai estendendo aos novos, descobertos pe-

los caminhos da navegação. Mas, a Internet vem também ampliar, intensificar e radicalizar umas tantas falhas e desvios da civilização de que a mídia em geral tem sido o grande veículo e o instrumento privilegiado. Essas grandes tendências e perversões são em geral envolvidas e estigmatizadas dentro da lista dos famigerados ismos: o individualismo, o liberalismo, o economismo, o consumismo, o utilitarismo.

A ação ética será realmente viável e eficaz na medida em que chega a influenciar e a modificar todo o grande sistema social analisado como uma rede de sistemas bem entrosados e conexos. Será necessário aprofundar esse dado fundamental. Mas é igualmente indispensável discernir e destacar a originalidade ética da mídia em sua modalidade mais jovem e mais percuciente que é a Internet. Como todo o sistema de comunicação, ela é uma maravilha de racionalidade, um triunfo da inteligência prática, dominando e aperfeiçoando mais e mais a técnica da comunicação e da informação. Enquanto difunde e tende a universalizar esse extraordinário poder digital, a Internet abre caminhos para a responsabilidade e para a ética.

No entanto, mais do que outras formas da mídia ela fomenta a junção, a sinergia da razão e da imaginação. Mais ainda, bem equipada pela técnica e açulada pelos interesses econômicos, a razão se compraz em fomentar o casamento do imaginário e da afetividade. Cria-se então um mundo virtual inspirado por um egocentrismo individual e corporativo, senão coletivo, desdobrando-se em um erotismo fechado, alheio à realidade das relações com o outro, cuja presença se reduz a uma imagem artificial, relegando toda parceria efetiva entre pessoas aceitas e acolhidas em sua densidade corporal e em um amor que seja uma doação recíproca.

Viabilidade de novos modelos éticos.

Primeiro, é urgente esclarecer e mobilizar as consciências em sua dimensão pessoal e coletiva.

Atento à realidade do mundo globalizado, o Concílio Vaticano II, em sua Constituição *Gaudium et spes*, dirigida à Igreja e a toda a humanidade, declara com insistência: é hoje um dever sagrado superar a ática individualista (cf. Constituição citada, n. 30). Problemas como estes, da presença

harmoniosa da ética e da linguagem exigem uma ética integral, pessoal e social, atenta e cuidadosa em analisar os diferentes sistemas que aí estão, aliás, dizem todos eles, a nosso serviço. E que se comece pela pergunta muito simples: como é que estou, como é que estamos atuando dentro dos sistemas de comunicação, de educação, de política, de economia? A ética só será autêntica e operacional se busca compreender em sua complexidade a sociedade tecnológica e informatizada e nela intervir de forma eficaz.

O futuro da humanidade está na aliança efetiva e duradoura dos valores da verdade, da justiça, da liberdade e da solidariedade. Mas esses valores se têm de realizar na vida das pessoas e das famílias e mais ainda dentro dos sistemas, cuja rede forma o imenso sistema globalizado, que tem por cérebro o sistema de informação, da linguagem informatizada. Esta se concretiza, sobretudo, em sua forma mais ampla e insinuante, a TV, e na mais, comunicativa e interativa, que é a Internet. Bem se poderia concluir: o imperativo do amor, mas também da própria sobrevivência da humanidade, está em conectar os novos modelos sociais e comunicacionais,

que façam convergir todas as forças culturais, éticas e religiosos. Em termos concretos, a irgência das urgências vem a ser a compreensão e a opção de uma nova estratégia ética da linguagem comum e tecnológica, que dê a palavra ao povo na Igreja, na sociedade, nas várias redes da comunicação. A ética na linguagem, na sua forma espontânea, natural, e em suas técnicas modernas, começa por somar energias e por fraterizar os cidadãos na parceria e na procura da solidariedade em relações de amizade e em organizações que possam agir de maneira eficaz no universo da técnica.

Para os cristãos, para os homens e mulheres de fé, os novos modelos de diálogo e participação estão em correlação com o novo Pentecostes, inaugurado por Vaticano II, indo ao encontro da nova era, da cibersociedade, que o mundo da tecnologia vai descobrindo e habitando. Na Igreja e nas religiões em geral, se afirma a necessidade urgente, urgentíssima, de um novo paradigma teológico, atento às diversas modalidades da palavra hoje, assumindo-as todas segundo sua hierarquia de valor, empenhando-se em respeitar a originalidade de cada uma, de articulá-las todas de maneira

ra complementar e harmoniosa. Mesmo a serviço da ética, o recurso à mídia e à tecnologia moderna não há de visar uma ação psicológica, mediante pressão ou sedução, mas deverá sim facilitar os caminhos da informação objetiva, da convicção pessoal, da livre opção.

A ética da linguagem encontra seu ponto de inserção e de mobilização nas comunidades. A massificação da religião, dela fazendo espetáculo alienante, está aí o doloroso atentado contra a própria fé religiosa, contra a dignidade do ser humano e sua vocação a se encontrar e dialogar estreitando a comunhão no respeito à dignidade das pessoas.

Há uma prioridade nas urgências. O que, antes de tudo, se há de evitar é que se introduzam no sistema da linguagem os vícios, falhas e injustiças que pervertem a sociedade concentradora de riquezas e de poderes. É preciso denunciar e combater a exclusão virtual ou digital, a persistência da velha desigualdade que corromperia esse novo universo da comunicação, como tem corrompido até os escalões mais altos do mundo econômico e tecnológico ainda mal globalizado. A promo-

ção da ética da linguagem, especialmente da mídia, dos meios mais densos e quentes de informação e de influência sobre o público, como a televisão e a Internet, pede uma imensa mobilização cultural. Esta se dará como missão primordial o empenhar-se em bem determinar e definir os objetivos prioritários, de que depende a eficácia das mudanças a fazer. Passará, em seguida, a escolher e conjugar recursos e meios para atingi-los.

Assim, um grande trabalho de esclarecimento pela educação e pela própria ação, nas famílias, nos movimentos, nas comunidades, nas pastorais e nas ONGs, deverá despertar e manter no conjunto do povo e da Igreja a consciência constante e mesmo progressiva da urgência e da qualidade da ação ética crítica e renovadora das mentalidades, da linguagem corrente e informatizada. Sem dúvida, a urgência se impõe, dado o atraso desse despertar das consciências religiosas e seculares, que ainda apostam nos valores éticos, sem saber identificá-los em meio ao pluralismo generalizado. Há uma incapacidade de detectar e analisar os problemas éticos, especialmente os obstáculos a este projeto fun-

damental: infundir os valores éticos nas diversas formas clássicas e modernas da linguagem em sua especificidade e torná-las portadoras da verdade, da justiça e da solidariedade.

Em um mundo grandemente desmobilizado e acomodado à ideologia dominadora, o dever primordial da Igreja e demais forças culturais e espirituais é suscitar e manter essa energia ética que desperte e sustente o elã do agir lúcido, desinteressado e eficazmente empenhado em promover novos modelos autênticos de vivência, convivência e comunicação.

Notas:

- ¹ Esses dados se encontram em meu livro *Ética e Mídia, Liberdade, Responsabilidade e Sistema*, Edições Paulinas, 2006. Ver acima capítulo 3º.
- ² O Decreto conciliar *Inter mirifica* “Sobre os meios de comunicação social” (promulgado no dia 4 de dezembro de 1963) retoma, condensa e adapta o essencial da carta encíclica de Pio XII *Miranda prorsus* (datada de 8 de setembro de 1957), que é o primeiro documento eclesialístico que aborda todas as formas da mídia em seu conjunto.